

SABERES LOCAIS EM PRÁTICAS ORAIS: re-narrando estórias do oral para o escrito.

Mônica de Jesus dos Anjos Nunes - UFPA¹

Msc. José Sena Filho - UFPA²

RESUMO: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa sobre narrativas orais e saberes dos ribeirinhos no Município de Breves, Marajó, onde a forma de vida rural, os contos transcritos e reescritos foram aplicados em um projeto de leitura e escrita, tanto em uma escola urbana, quanto nas escolas das comunidades por onde os contos foram coletados, com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. O mesmo foi desenvolvido por causa da necessidade em atrair os alunos das séries iniciais para o mundo da leitura e escrita, visto que o rendimento na sala de aula nessa fase em alguns casos se encontra comprometidos. O projeto foi aplicado, com base na perspectiva enunciativa de Mikhail Bakhtin e de Letramentos conforme orienta Roxane Rojo, além de outros autores da área, levando em consideração os saberes ribeirinhos como prática de leitura e escrita integrada ao seu meio social, no intento de que cada criança também usasse sua vivência diária e em família como ferramenta de ensino e aprendizagem para uma alfabetização de qualidade, tornando assim a realidade escolar uma significação diferenciada para o discente.

Palavras – chave: Narrativas orais. Ribeirinhos. Letramentos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi iniciado apenas na área da literatura trabalhando, com as coletas de narrativas orais dos povos ribeirinhos tendo como foco, Éclea Bosi e a memória dos velhos, já que meus narradores eram todos idosos. Assim estava centrado apenas nas narrativas, mas com a aproximação do final do curso de letras houve a necessidade de entrar na linguística aplicada, agora centralizando nos estudos de Mikhail Bakhtin (1981) e Bruner (1986) em Moita Lopes (1994), em um projeto que foi elaborado para ser aplicado em sala de aula, usando as narrativas orais como ferramenta para incentivar o aluno da cidade a ler e escrever. Com isso dando significado ao que o aluno aprende em sala de aula, nos direcionamos para o letramento em Roxane Rojo (2009), onde o aluno ver-se como parte do que é ensinado, ou seja, ele e seu conhecimento, ou letramento materno tornam-se parte fundamentais para que seu

¹ Professora Pedagógica. Beletrista pela Universidade Federal do Pará – Ufpa/Parfor 2010

² Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia - UFPA

conhecimento científico, e porque não dizer, “escolar”, possa ser desenvolvido e não “ensinado” como temos o costume de pensar.

No projeto rescrevemos as narrativas ouvidas, as transformamos em textos adaptados para o primeiro, segundo e terceiro ano do ensino fundamental. Estes eram contados através de slides, dramatizações, músicas e desenhos, isto é, as narrativas agora passavam por renarrações e no final de cada momento as crianças produziam seus próprios textos que apesar de ter características da narrativa inicial, possuíam elementos das re-narrações vista e ouvidas por eles durante as apresentações feitas pelos professores.

O sucesso na escola urbana foi um sucesso, levando um projeto imediato de conclusão de curso para ser elencado ao Projeto Político Pedagógico-PPP, da escola onde foi aplicado pela grande contribuição ao avanço dos alunos em leitura e escrita. Assim, resolvemos levá-lo para o local da coleta das narrativas, isto é, para ser aplicado em uma escola ribeirinha, onde os alunos convivem cotidianamente com as narrativas fantásticas de boto, matinta pereira, assombrações de caçadores entre outras, para assim percebermos que resultado teríamos com este modelo de aluno ribeirinho e de classe multisseriada. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo divulgar a aplicação das narrativas orais em processos de leitura e escrita, objetivando ressaltar as possibilidades didático-pedagógicas no contexto de valorização e reconhecimento da cultura local.

Letramento e enunciação no ensino e aprendizagem

Na escola Margarida Azevedo Nêmer as práticas de linguagens ocorrem como em todo lugar, no entanto a problemática encontrada, (e não se pode afirmar que acabaram, pois ainda ocorrem), é tanto na leitura e escrita quanto na oralidade dos alunos, principalmente do terceiro ano. O fato do aluno estar na última fase do bloco de alfabetização e não conseguir ler era alarmante, mas dentro das possibilidades que surgiram com o projeto voltado no contexto de letramento educacional a partir do que o aluno já possui, ou seja, usando o letramento materno do aluno, essa situação foi amenizada. E já que a LA, busca dar esse privilégio a relações humanas, o fato de colher dados referentes à vida do aluno e transformar em material de ensino e aprendizagem, possibilita uma nova forma de ensino onde a co-participação entre professores e alunos, mediada pela linguagem, proporcionam uma discussão. O que Bruner (1986) em Moita Lopes (1994) cita: *Um aprendiz envolve-se, periféricamente,*

na resolução de uma tarefa na prática de um especialista, até que sua participação nessa tarefa deixa de ser periférica e passa a ser completa, com a passagem da competência para o aprendiz.

Ou seja, dentro do ambiente escolar, em aulas onde somente o professor é tido como quem organiza e executa o conhecimento, o aluno se for inserido na prática, pode deixar de ser apenas um mero aprendiz para obter a competência de quem também produz conhecimento em vez de só recebê-lo como se fosse uma “caixa vazia”. É o que o autor Edwards, Mercer, (1987) vem chamar de “*construção conjunta da aprendizagem, através do estabelecimento de um contexto mental comum entre o aluno e o professor*”.

Esse tipo de ação educacional se denomina como uma abordagem sociointeracional da aprendizagem. Onde acontece um trabalho de construção mútua da aprendizagem colocando em foco a linguagem, isto é, ocorrendo à interação entre os participantes de um discurso, a aprendizagem se desenvolve.

Sobre o desenvolvimento da linguagem na visão de Bakhtin (1981), ela influencia o indivíduo e vice versa. E se as teorias dos dois autores fossem levadas em conta haveria uma desconsideração do contexto onde ocorrem, sejam sociais ou históricos, deixando de lado a questão da enunciação dialógica e tornando monológicos, ou seja, uma enunciação em que o sujeito não iria interagir nem com ele mesmo.

Levando em conta a teoria do autor russo, e sua caracterização da linguagem como dialógica, fundamenta-se a perspectiva com que lida o projeto “Narrativas Orais na Escola”, o qual valoriza o aluno como indivíduo, os quais influenciam no processo de construção do conhecimento. Assim, para Bakhtin:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar... Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (BAKHTIN, 1981, p. 108).

Entende-se que não existe por aí uma língua onde o sujeito apenas possa se adaptar, mas quando passam a fazer parte da comunicação, isto é, quando começam a fazer uso dessa enunciação com ele mesmo e com o outro é que passam a desenvolver a língua. O autor deixa bem claro, que não há uma língua materna, a qual possam herdar

ou adquirir, mas que a mesma só surge, ou desenvolve-se quando a consciência desperta.

O estudo da linguagem humana, dentro de uma perspectiva linguística moderna, não pode deixar de desconsiderar os estudos do filósofo russo Mikhail Bakhtin, por levar em consideração o processo de constituição do discurso, este inserido dentro de um contexto de intersubjetividade, ou seja, onde a interação entre sujeitos, mediada pela linguagem, torna-se o centro de sua teoria. Para este teórico, a linguagem humana deveria ser muito mais do que um simples objeto de estudo da linguística, ele a vê como um fenômeno que define e constitui a própria natureza humana.

A teoria de Bakhtin dá ênfase às intersubjetividades, no encontro entre sujeitos, nas interações que se dão através das relações sociais permeadas pela linguagem, sendo ela uma prática social cotidiana e entendida como um processo evolutivo realizado através da enunciação. O enunciado torna-se um ponto de encontro de diferentes ideias, opiniões, (pré) conceitos e de diferentes visões de mundo. Essa intersubjetividade se deu no período de desenvolvimento do projeto na escola Margarida Nêmer, pois os encontros se davam entre os alunos que são sujeitos que desenvolvem a linguagem que, por sua vez, promove as relações sociais. As formas de enunciação se davam pelo desenvolvimento das atividades com narrativas orais, já que ao narrar ou criar um conto, ao escrever uma redação ou ao inventar uma paródia, tudo se dava por meio da enunciação, da fala entre eles em seus pensamentos e o outro, que estava destacado nos colegas e professores.

Letramento do aluno no processo de ensino e aprendizagem com narrativas orais

Roxane Rojo (2009) nos mostra uma realidade vivida e não percebida pelos brasileiros. Primeiro que somos pioneiros em uma educação superior, alfabetizada e com escolaridade de mais longa duração que nossos familiares antigos. Segundo, que as escolas em sua maioria não dão uma significação para os primeiros dez anos que o aluno passa na escola. Tornando-os pessoas alfabetizadas, mas não letradas. Já que, segundo a autora, alfabetização é ler e escrever e letramento envolve muito mais que decodificar letras.

O termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem, que envolve a escrita de uma ou outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo

contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009 p. 11)

Assim, se percebe que apesar de falar em letramento, poucos são os que realmente têm conhecimento a respeito do assunto. Normalmente o que acontece é uma confusão entre as noções de letramento e alfabetização, ou aluno alfabetizado, com aluno letrado, quando, na verdade, o letramento dá uma importância maior ao conhecimento materno (percebe-se que há uma diferença entre o ato de desenvolvimento da língua que na visão da Bakhtin não vem de língua materna e na valorização do letramento materno que por Rojo é de extrema importância), ou seja, aquele conhecimento que o aluno traz de casa, e aquele conhecimento de mundo, onde o contexto no qual está inserido é de extrema importância seja religioso, político ou outros.

Na realização do projeto “Narrativas Orais na Escola”, se busca essa forma de letramento. Pois, quando propomos ao aluno fazer da sua própria vida uma narrativa que será avaliada na escola ou quando este aluno é induzido a ouvir seus avós, escrever suas histórias e repassá-las aos demais membros da sala ou da escola, estamos trabalhando uma forma de letrar este discente. Estamos usando o seu contexto social que é a história da própria vida para desenvolver a partir dela uma série de formas de alfabetização, onde está a leitura, a escrita, a oralidade e a socialização com outras pessoas. Então utilizando este método podemos afirmar com certeza que na escola se desenvolve a alfabetização e o letramento.

Outro ponto importante que se achou na leitura de Rojo, foi o fato de uma pesquisa comprovar o contrário ao que se divulga sobre o brasileiro não gostar de ler. O que de fato ocorre, é que gostam de ler, mas preferem os textos diferenciados daqueles oferecidos pela escola. Como professores, percebemos essa realidade em nossos alunos, eles não suportam os dias de leitura em livros didáticos, mas ao apresentarmos uma nova forma de leitura temos muitos resultados positivos.

É nesse sentido que o projeto “Narrativas Orais na escola” funciona. Ele é resultado de uma pesquisa com ribeirinhos que contam suas peripécias vividas no cotidiano amazônico, o que nos traz algumas lendas, com botos, saci pererê, matinta perera entre outros seres míticos da floresta. E estes são personagens extremamente amados pelas crianças. Além do mais, faz parte de nosso contexto Marajoara, o que dá uma significação na hora de ser trabalhado como objeto de ensino e aprendizagem.

Trabalhar a leitura é muito mais do que abrir um livro didático e decodificar o que vem dentro dele. A leitura envolve movimentos corporais, movimentos faciais, conhecimento de mundo e interação com o ouvinte, e as narrativas possibilitam o uso de todas essas funções na criança. Pois com elas é possível usar uma cantiga, apresentações teatrais, adivinhações, entre outros. Então, temos o lúdico presente no desenvolvimento cognitivo de cada aluno quando se usa narrativas orais, bem como um significado palpável, já que a criança se percebe como parte de seu próprio ensino e aprendizado.

Dessa forma se entende que as escolas precisam dar significação ao que o aluno aprende na sala de aula e já que o brasileiro gosta de ler para se distrair, então porque não se pega essa “distração” e a transforma em aprendizagem? Assim, quando usamos as narrativas orais para desenvolver a aprendizagem do aluno, estamos desenvolvendo seu próprio contexto em sua aprendizagem, estamos dando uma significação a permanência dele nos primeiros anos na escola, e estamos possibilitando um melhor desenvolvimento educacional onde ele próprio vê significado em ler e aprender.

Intervenções com narrativas orais na escola urbana

A escolha das narrativas para o projeto, não foram aleatórias. Os contos foram escolhidos por serem os mais completos, isto é, apareciam na fala de vários narradores e isso facilitou para a escolha.

Os contos foram gravados, passaram por um processo de transcrições e transformações, as mesmas ao serem transcritas tiveram algumas modificações, isto é, adaptações, pois as narrativas reais têm alguns momentos de terror e violência e como um dos objetivos do projeto era em cada conto obter uma moral, ou estimular no aluno algo bom, então foi preciso tirar alguns momentos, colocar outros de forma que os contos tivessem as características ribeirinhas, mas com influências que permitissem promover educação escolar.

Todos os títulos, com exceção da “Velha do poço” ou “poço da velha”, como foi contada essa narrativa, teve seu título mantido. É uma das narrações que aparecem na memória de todos os moradores ribeirinhos. São sempre as mesmas aventuras, contadas de forma diferente, mas que sempre foram bem parecidos.

Os demais professores executavam o mesmo conto em forma de teatro e outros criavam uma cantiga com o conto em cima de uma música já existente, uma espécie de paródia. Na aula de narrativas, primeiramente os professores sentavam para planejar.

Assim todos os educadores ficariam conhecendo o conto que seria trabalhado, que musiquinhas, quais adivinhações e como seria desenvolvida a aula, e a execução acontecia sendo dividida em vários momentos:

- Musiquinhas acompanhadas por um monitor do Mais Educação com violão;
- Adivinhações de ribeirinhos com premiações de bombom e balão e pipoca;
- O momento do aluno (conto pessoal);
- Apresentação teatral;
- O início sempre era com musiquinhas, com coreografias, em seguida vinham às adivinhações que previamente escolhidas tinham o cuidado de não ter nenhum cunho pejorativo. E a cada acerto eram distribuídos bombons e balões para os vencedores. A contação do conto tema do dia era montada em slide, com imagens de fotos dos ribeirinhos e de imagens baixadas da internet de acordo com o conto. Assim, era apresentado aos alunos que assistiam atentamente.

Para finalizar, alguns professores de modo teatralizado apresentavam o mesmo tema. Assim, as aulas terminavam com os alunos sendo orientados para trazerem suas próprias narrativas e concorrerem a premiações na próxima aula e para que seus contos fossem selecionados e apresentados para os demais colegas.

O resultado foi surpreendente, pois além dos contos que os alunos traziam, se percebeu uma melhoria muito grande em relação à leitura e escrita, pois até os alunos de primeiro ano passaram a pressionar os professores e os pais para lhes ensinar a ler, pois eles queriam ler os contos e queriam aprender mais rápido. Além da violência, que mostrou significativa diminuição, o interesse em ouvir histórias dos próprios pais também foi grande.

Os alunos do terceiro ano, que já liam um pouco, melhoraram gradativamente a leitura e a capacidade em criar. Assim se percebeu que o projeto foi de extrema importância para a aprendizagem do alunado da escola urbana. E quanto aos educadores, foi possível ter uma visão melhor do verdadeiro significado de letramento e alfabetização.

Como já foram citados anteriormente, as narrativas orais não tinham cunho de aplicação em nenhuma escola, tão pouco se pretendia entrar no campo da Linguística Aplicada para formulação do trabalho de conclusão de curso. Interessante foi observar como a proposta se encaixava perfeitamente na perspectiva da LA. De todo modo, vale

destacar que em um primeiro momento, fui convocada, pela coordenação pedagógica da escola onde se trabalha para apresentar de modo aplicado o resultado das pesquisas tendo em vista a ausência constante para a realização da coleta de dados. Assim, a utilização de materiais da pesquisa para um projeto de leitura e escrita que chamasse atenção dos alunos e despertasse o interesse destes em relação ao desenvolvimento oral, de escrita e leitura, se tornou possível, especialmente diante do quadro do rendimento nessa área ser muito baixo.

Intervenções com narrativas orais na escola ribeirinha

Como o projeto teve um resultado positivo na escola urbana e por ter suas bases narrativas no meio ribeirinho, achamos interessante leva-lo para a escola do meio rural, onde os discentes vivem seu cotidiano cercados por memórias dos velhos, imaginários dos botos e demais lendas amazônicas, mas pouco tem esses contos usados em sala de aula. Dessa forma a intenção é trabalhar dentro das perspectivas de Rojo (2009) com o letramento materno e assim perceber as implicações que ocorreriam, se tendo os mesmos resultados que nas escolas urbanas ou não.

O projeto foi desenvolvido na escola São Benedito no rio Mapuá no Município de Breves em uma turma de classe multisseriada, sendo os alunos de primeiro ao quinto ano, estudando em apenas uma sala de aula. Mas não vamos entrar na questão de multisserie, pois o trabalho em questão é voltado apenas para o uso das narrativas orais na sala de aula ribeirinha.

Para estes alunos intervimos apenas com imagens, isto é, usamos os mesmos contos da escola urbana, mas apenas em desenhos, onde os mesmos a partir do que visualizavam criariam diversos contos, fossem orais, escritos ou desenhados. E no momento de contação de histórias levamos para a sala de aula, uma moradora idosa do local que narrou um conto de uma onça que assombra o rio. Essa é uma estória bastante contada, no entanto quando a mesma foi levada para o ensino e aprendizagem, para que dentro da mesma pudéssemos trabalhar os ensinamentos repassados de pais para filhos, a questão dos valores uma nova dimensão de ensinamento se abriu, pois os alunos perceberam os ensinamentos que estavam inseridos em outras estórias que os pais e avós lhes contavam.

O desenvolvimento no meio rural foi bem menor que na cidade, mas percebemos que trabalhar com Narrativas é valorizar a oralidade como uma forma de comunicação e linguagem, pois através deste método é possível registrar e valorizar

histórias ocultas da História geral do Brasil que conhecemos. Na literatura antiga percebemos com Aristóteles, que a oralidade já era considerada em sua época, uma dentre as formas (schemata) de linguagem. Já que não se tinha o hábito de escrever. Tratando as narrativas como produto histórico da cultura da humanidade, elas servem, dentre várias funções, para buscar, armazenar e transmitir conhecimentos.

Segundo o psicólogo Jerome Bruner (1991), as narrativas servem como meio de percepção e a nossa realidade é resultado de uma construção narrativa. Narrar contribui para uma formação de experiências, pois organizamos nossas aprendizagens e memórias principalmente através da narrativa (BRUNER, 1991).

A partir das narrativas são construídas teorias sobre a realidade (OCHS et al. 1992), e, sendo assim, elas servem como uma ponte onde se pode explicar nosso cotidiano (MENDONÇA et al. 2001, 9). Elas são meios de sociabilidades, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas —públicas ou socialmente conhecidas. Uma vez que uma narrativa é sempre proferida e fabricada por alguém, assistida por alguém de fora as atividades com narrativas podem ser percebidas como monológicas. Mas nesse trabalho linguístico estão sempre os ouvintes e a elaboração de uma narrativa precisa da participação destes. Daí se percebe que não há narração sem ouvinte (BARTHES, 1988), a narrativa oral é construída através de diálogos em um discurso.

Assim, dentro deste contexto de contações e diálogos com falantes e ouvintes, a aceitação e receptividade pelos alunos da escola ribeirinha é bem maior do que na cidade, pelo fato de não apenas receberem as narrativas mas produzirem infinitas novidades de narrações, pois o meio onde vivem é o berço desse tipo de conto oral e foi com louvor que o trabalho foi finalizado em meio as narrativas orais e o ensino e aprendizagem a partir do uso da linguagem e letramento materno que os mesmos já possuem.

Considerações finais

Quando se propôs aplicar um projeto de leitura e escrita com as narrativas orais dos ribeirinhos, não se pensou que os contos produziram algum saber. Agiu-se por intuição de que os contos, mesmo parecendo terror tinham um fundo de humor, por tanto poderiam servir para os momentos de contação de histórias. Também não se pensou que o fato do Município de Breves está localizado as margens de um rio, os contos ribeirinhos teriam alguma significação para os alunos, que tendo os contos em

seus contextos de vida, os colocariam como ferramenta do próprio ensino, que segundo Rojo:

O “significado do letramento” varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando a seus participantes poderes também diversos (ROJO, 2009, p. 99).

Tudo isso só foi percebido quando o projeto já havia sido realizado e estava sendo reformulado. Assim se percebeu que com a discussão da Linguística Aplicada e com a perspectiva enunciativa de Mikhail Bakhtin o aspecto intersubjetivo ganhou um novo alcance em que a produção de linguagem pelo aluno é motor construção de nova sociedade e vice-versa.

Nesse contexto, pode-se dizer que os resultados foram positivos, pois as narrativas orais dentro do projeto realizado na escola Margarida Nemer proporcionaram ao aluno fazer parte do ensino e aprendizagem, já que fazem parte da realidade ribeirinha deles e, portanto, fazem sentido, pois tratam de assuntos que estão dentro de suas realidades. Assim entende-se que as escolas precisam valorizar mais os alunos, realizando atividades e planejamento de acordo com a realidade a qual estão inseridos, dessa forma não só leitura e escrita irão melhorar, mas o ensino em geral, fazendo com que o aluno se perceba como parte do processo de ensino e aprendizagem. E a linguagem utilizada para a educação não pode está centrada apenas no educador, pois o que se busca é um benefício educacional para o aluno e tudo precisa girar em torno dele.

O projeto “Narrativas Orais”, mesmo que inicialmente tendo sido criado por intuição, para se cumprir uma carga horária de trabalho, aos poucos foi se modificando e se tornando uma forte ferramenta de desenvolvimento educacional com qualidade, onde o saber do aluno foi valorizado e tanto o ensino quanto a aplicabilidade do mesmo acabou sofrendo modificações, e teorias de grandes teóricos, como Bakhtin, Rojo, Marcuschi entre outros.

Assim não foram apenas os alunos que tiveram méritos e benefícios, mas a elaboradora deste trabalho que pode adquirir novos conhecimentos e perceber que interdisciplinaridade acontece na literatura, na linguística e em qualquer linha de conhecimento, sendo possível interligá-las obtendo mais qualidade para o ensino e aprendizagem, pois quando nos abrimos a novas formas de conhecimentos e desenvolvimento das linguagens, também estamos abertos a novos meios de desenvolver conhecimento pessoal.

Referências

BRUNER, J. S. *Actual Minds, Mundos Possíveis*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

MARCUSCHI. *Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita*, In: *Congresso sobre a fala e escrita*, 1994.

MOITA LOPES, L. P. (1991) *Afinal, o que é Lingüística Aplicada*. *Intercâmbio, Anais do I InPLA (PUC-SP)*: 13-21.

ROJO, Roxane. *Letramento Múltiplos, Escola e Inclusão Social*. Parábola Editora. São Paulo, 2009.